

ANASTÁCIO, S. M. G.; SILVA, Célia Nunes. Resgatando a Importância do Espaço como Dimensão Ecológica Relevante no Ensino de Línguas Estrangeiras. *Investigações* (Recife), Recife-PE, v. 17, n. 2, p. 317-325, 2004.

Resgatando a importância do espaço como dimensão ecológica no ensino de línguas estrangeiras*

Sílvia Maria Guerra Anastácio (ILUFBA) **¹
Célia Nunes Silva (FAMED/UFBA) **²

SUMÁRIO:

Félix Guattari¹, em *As três ecologias*, chama de *ecosofia* a articulação ético-política entre três níveis ecológicos: o das relações sociais, o da subjetividade humana e o do meio ambiente. Este trabalho se propõe a estudar a aprendizagem de LE, sob a perspectiva do terceiro eixo. Considerando-se que a aquisição de conhecimento constitui uma tarefa árdua, sobremaneira angustiante para o educando, cabe ao professor estimular o aprendiz e incentivá-lo a prosseguir sempre, apesar das adversidades. Na sua caminhada, o educador recorre a estratégias diversas, estabelecendo frequentemente diálogos intertextuais para ministrar o seu conteúdo, na esperança de conseguir despertar a curiosidade do aluno. Louise M. Rosenblatt, no seu artigo *The transactional theory of reading and writing*, enfatiza que na aprendizagem os seres humanos estão sempre envolvidos em transações, quer numa relação recíproca com o meio ambiente em uma situação específica para se desenvolver atividades de ensino-aprendizagem da LE, ou ainda, com um espaço de confluência entre textos ecoando tantos outros textos.

PALAVRAS-CHAVE: ensino-aprendizagem, LE, educação ecológica, ecosofia, pedagogia crítica.

Um dia a vida surgiu na terra.
A terra tinha com a vida um cordão umbilical.
A vida e a terra.
A terra era grande e a vida pequena. Inicial.
A vida foi crescendo e a terra foi ficando cada vez menor.
Cercada, a terra virou coisa de alguém, não de todos, não comum.
Virou sorte de alguns e desgraça de tantos.
Na história, foi tema de revoltas, revoluções, transformações.
A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário.
A terra e o sem terra.
E a morte.

(Hebret de Souza *apud* Gadotti, 1999:14).

Certa vez, ao atravessar um rio, *Cuidado* viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu *Júpiter*.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que *Júpiter* fez de bom grado. Quando, porém, *Cuidado* quis dar um nome à criatura que havia moldado, *Júpiter* o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto *Júpiter* e *Cuidado* discutiam, surgiu, de repente, a *Terra*. Quis, também, conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da *Terra*. Originou-se, então, uma discussão generalizada.

De comum acordo, pediram a *Saturno* que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão, que pareceu justa:

Você *Júpiter*, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

* Trabalho apresentado em Mesa Redonda no Gelne, João Pessoa, setembro 2003.

** 1 Prof. Titular do Departamento de Letras Germânicas da UFBA; ministra aulas de língua e literaturas de língua inglesa.

** 2 Prof. Adjunta do Departamento de Neuropsiquiatria da FAMED/UFBA; ministra aulas de Bioética no Mestrado da Família na Pontifícia Universidade Católica da Bahia.

Você, *Terra*, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, *Cuidado*, foi quem primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há uma acalorada discussão acerca do nome, decido eu: que esta criatura seja chamada *Homem*, isto é, *feita de húmus*, que significa *terra fértil* (Boff, 1999:45).

Introdução

O termo *ecologia* ou o estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos/não-vivos entre si e com o seu meio ambiente deriva de *oikos*, em grego, que significa *casa* (Haeckel *apud* Boff, (a) 2000: 25). Logo, o meio ambiente é entendido como uma moradia dentro de toda uma teia de sistemas existentes no planeta, e considerando a ecologia ambiental sob a perspectiva de Félix Guattari (2002: 8-9), que a visualiza no bojo de dois outros eixos ecológicos, o mental e o social, - os quais se articulam entre si como vasos comunicantes para manter o equilíbrio individual e coletivo do ser humano -, questiona-se como a aprendizagem de línguas estrangeiras pode estimular uma maior conscientização dos alunos sobre a necessidade de cada um zelar por esse equilíbrio.

Reflexões e questionamentos éticos, sociais e políticos são, então, estimulados a partir de um *corpus* que desperte o respeito pelo meio ambiente, que é vital para a sobrevivência da humanidade. O material incluído nesta pesquisa foi utilizado com alunos da graduação de Letras da UFBA, com um nível médio de inglês, e estabelece um diálogo entre telas do cartunista Maurício de Sousa, um artigo da *Speak up* sobre questões relacionadas à violência ambiental, e músicas que contemplam temáticas afins, sem perder de vista os estudos de Félix Guattari sobre ecologia ambiental e propondo uma visão transacional da leitura.

Estimulando uma visão transacional da leitura e atividades que promovam o aprendizado da língua-alvo

Privilegiando-se um tipo de aprendizagem em que as relações humanas têm um papel fundamental, propõe-se reflexões sobre o trabalho de Louise Rosenblatt que, em seu artigo "The Transactional Theory of Reading and Writing" (Rosenblatt 1994:1059), aponta para um paradigma que rompe com o dualismo sujeito-objeto ou indivíduo-sociedade. Passa, então, o indivíduo a ser visto como parte da natureza, em contínua transação com o meio ambiente, em que as relações humanas são negociações, em que o indivíduo e os elementos sociais se fundem com os elementos culturais e naturais.

Na abordagem transacional, a leitura é uma atividade, em que a atitude adotada preferencialmente pelo leitor pode ser estética ou eferente. O termo eferente (Rosenblatt, 1994:1066) do latim *efferre*, que significa "extrair", "retirar" designa o tipo de leitura, em que a atenção se encontra centrada, predominantemente, nas informações quantitativas, que se pode extrair e reter do texto. O interesse do leitor privilegia o analítico, referencial, lógico, e recomenda-se que o contínuo estético-eferente, ou seja, as duas maneiras de ver o mundo, façam parte do repertório de leitura de textos do aluno.

Quando, por outro lado, o leitor adota uma atitude estética, focaliza a sua atenção para o que está sendo vivenciando durante a leitura. O termo estético foi escolhido porque, segundo a sua origem grega, sugere a percepção através dos sentidos, sentimentos e intuições. Logo, o que se refere a sensações, imagens, sentimentos, reporta-se ao resíduo psicológico do leitor, e a sua atenção se aguçará para os sons, para o ritmo das palavras; enfim, para o "ouvido interior", que busca captar as imagens evocadas pelos signos do texto interpretado.

Portanto, aqui se deseja considerar não apenas a representação do conhecimento verbal que o receptor de uma determinada mensagem detém, mas também, do não verbal. Quanto ao sistema de imagens não verbais, este inclui toda a sorte de formas sensoriais, tais como a visão, o

cheiro, o som, além de se poder evocar no leitor fortes emoções e múltiplas construções semânticas através das imagens. O leitor estético presta atenção e saboreia as qualidades de sentimentos, idéias, situações, cenas, personalidades, e emoções evocados pelo texto, participando de tensões, conflitos suscitados pelas imagens, idéias e cenas por ele descritas.

Em realidade, a produção e recepção de um texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, e o fato é que um texto, segundo Bakhtin, não surge isoladamente, mas é contaminado por outros e se articula com tantos outros que o tenham influenciado, de alguma maneira, e aos quais remete. Segundo Kristeva, um texto “é a absorção e a transformação de outros textos” (Kristeva, 1969:146). Para ela (apud Travaglia, 2003:101-2).

No caso da figura de linguagem denominada *paródia*, que será relevante para o estudo desenvolvido no presente trabalho, esta guarda uma origem intencional com o referente, sendo tal figura freqüentemente usada com um efeito cômico. *Paródia* significa “canto paralelo (de para= ao lado de e ode=canto), incorporando a idéia de uma canção cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto” (Fávero, 1999:49).

Tomando-se emprestada a força da pintura para abordar a questão da violência ambiental, tão presente no mundo de hoje, o desafio que permeia este trabalho é mostrar como a arte busca “conserta {r} a Natureza”, já que “a arte em si é a {própria} Natureza” (Shakespeare *apud* Eisenstein, 2002:141). Acredita-se que ao se buscar conscientizar o aluno de língua estrangeira sobre o terceiro eixo, que é o ambiental, também estar-se-á atuando nos outros dois níveis, que estão interligados; pois, no momento em que o homem agride o espaço em que vive, também agride o outro, e conseqüentemente, a si mesmo, provocando um efeito em cadeia ou um efeito dominó.

Partindo da premissa de que o ensino de línguas estrangeiras tem um compromisso político de conscientização social e ética, a abordagem da pedagogia crítica, que se propõe neste trabalho, busca levar o aluno a refletir sobre questões da atualidade. Ele analisa, inclusive, as implicações do recorte feito pelo cartunista Maurício de Sousa, em que predomina uma visão eurocêntrica, quando o artista parodia quadros de pintores famosos, na sua exposição de telas a óleo apresentada em Salvador, 2002.

Cientes dessa limitação, que é discutida na língua-alvo do curso, o quadro analisado é a paródia “Independência da turma”, uma adaptação do texto-fonte “Independência ou Morte”, de P. Américo. O tema sugerido nesta montagem é a questão da violência, trabalhada de forma lúdica por Maurício.

Trata-se de uma representação visual figurativa que re-inventa ou faz uma re-leitura do texto de Américo, através de uma inserção de signos icônicos (diz-se icônicos porque apresentam uma semelhança com o texto fonte) anacrônicos, que causam uma certa entropia dentro do quadro. Deve-se esta impressão de entropia ou estranhamento ao fato de que o artista, pela força da ironia embutida na paródia, substitui por brinquedos todos os objetos da tela que indicariam qualquer tipo de violência. Assim, os oficiais em posição de luta retratados na cena da independência não estariam aqui empunhando armas de verdade, mas espadas de brinquedo. E Mônica, mal-humorada, parece querer agredir alguém, mas para isso usa apenas o seu pequeno coelho de pelúcia. Ironicamente, o aspecto do quadro é antes de placidez que de guerra, e nenhum vestígio de destruição dos espaços brasileiros acontece naquela cena que deveria ser de batalha. Percebe-se, ainda, que a única personagem que, pela sua atitude corporal e por sua expressão fisionômica parece estar com raiva ali naquela “batalha” é o Cascão que, às margens do Ipiranga vê-se acuado para tomar um banho no rio. Que ironia! Finalmente, como que para afastar qualquer impressão de violência que ainda pudesse haver no quadro, a personagem Cascão, com o seu ar zangado, situa-se geograficamente bem distante dos outros, talvez para não contaminar o resto da representação como um todo.

Logo, ao se deparar, lado a lado, com os dois quadros, o leitor percebe no texto-fonte efeitos bem mais agressivos que o segundo. Ao contrário, a sua adaptação mostra signos

tomados de empréstimo do campo semântico lúdico que, ao estarem aqui associados a questões bélicas, acabam gerando uma impressão cômica devido ao seu efeito de estranhamento.

Assim, calcados numa argumentação que se sustenta sobre uma narrativa de testemunho histórico, os signos revisitados na paródia acionam elementos arquivados na memória do receptor, que refletem a história cultural, social e pessoal de uma determinada comunidade a qual pertence o receptor. A leitura feita a partir do texto-fonte é predominantemente eferente, pois dela o receptor pode extrair informações de um registro histórico contido em uma página da história do Brasil. Já no texto pictórico revisitado, predomina a leitura estética, pois os signos transmutados sugerem sentimentos de suavidade, alegria e ludicidade, que contradizem as imagens agressivas evocadas no texto de origem.

A utilização dessas pinturas em sala de aula encoraja a interdisciplinaridade, levando o aluno a apreciar obras de arte, além de discutir fatos ligados à história do Brasil e à política nacional. Reflete-se, então, como fica hoje a questão da independência do Brasil, quando a televisão mostra que essa autonomia parece estar sendo prejudicada pela pesada dívida externa que faz com que cada brasileiro nasça um pouco menos livre.

Aproveita-se o pretexto desses temas tão atuais para que o aluno participe de atividades que promovam a prática da língua-alvo, num clima em que o humor suaviza o processo de aprendizagem. Tais atividades variam, a depender do nível de proficiência do aluno na língua estrangeira estudada, podendo ir desde aquelas do tipo *True/false*, em que o iniciante identifica diferenças entre o quadro-fonte e a sua paródia (*There is/are some/a/an ... in picture A. but there isn't/aren't any.....in picture B*), até a prática do uso de preposições, ou de versos no gerúndio ou no passado (em que se pode situar a época em que ocorreram determinados fatos históricos), ou de adjetivos (ao se descrever os quadros em pauta), ou ainda, de pronomes relativos (quando se identifica cada personagem, como *Cascão is the one who doesn't like taking a shower*) ..

Discutindo sobre ficção ou realidade: um debate alicerçado na pedagogia crítica

Esse jogo de verdade e mentira, realidade e ficção, seriedade e comicidade permeia toda a galeria de quadros de Maurício de Sousa, inclusive a tela em apreço, que parodia a independência do Brasil. E ao transformar signos de rebelião e agressividade em meros brinquedos inocentes e inofensivos, o artista acaba provocando uma impressão cômica de estranhamento no quadro.

Mas o que fazer quando o receptor se depara com uma imagem tão absurda que parece uma paródia, mas não é? O que fazer quando, o que parece brincadeira ou ficção é pura realidade? Uma realidade tão horrível e difícil de acreditar, que mais se assemelha a um efeito de estranhamento introduzido por algum artista excêntrico e amante de montagens grotescas?

É o que parece ter acontecido com milhões de telinhas de televisão, que irradiaram os trágicos acontecimentos daquele setembro que marcaria para sempre a história contemporânea. Em realidade, o tom dos repórteres, dos jornalistas que comentaram a destruição das Torres Gêmeas, em N.York, foi, inicialmente, de incredulidade. Não se podia crer que tamanha agressividade fosse verdade, que fosse real. Mas a devastação que acometera o mundo naquele 11 de setembro de 2001 era mais que uma paródia. Tratava-se de um profundo desrespeito pelo ser humano e pelo meio ambiente.

Como trabalhar com os alunos esta tragédia urbana da contemporaneidade, de modo a ativar neles um tipo de leitura eferente, centrada nas informações contidas naquele texto tão grotesco? E também buscando incentivar neles uma dimensão estética de leitura, ao atentarem para a forma de um discurso argumentativo que denuncia tamanha barbaridade, além de analisar também alguns efeitos constrangedores que continuam ocorrendo hoje naquele mesmo espaço em que tantos perderam suas famílias e seus entes queridos?

Tomando-se por base o artigo da *Speak up* "To see or not to see? The ground zero debate", de maio, 2002, que mostra em que se transformou hoje o espaço anteriormente ocupado

pelo *World Trade Center*, propõe-se discussões que levem o aluno a perceber, através de uma análise do enunciado, qual a ideologia subjacente à matéria e os possíveis posicionamentos políticos do autor. De modo que uma análise do discurso em debate possa levar o aluno a distinguir o que, no texto estudado, é mera informação, mera exposição de fatos traduzida em uma linguagem denotativa; ou o que constitui uma opinião mais pessoal do autor, um posicionamento colorido pela sua visão de mundo e exposta em uma linguagem mais conotativa.

Disposto em duas colunas, o material extraído do segmento inicial do artigo em análise poderia ser assim disposto, incluindo grifos nossos nos enunciados abaixo, que aparecem coloridos por uma forte carga emotiva, a qual denuncia o posicionamento do autor:

A MATTER OF FACT	A MATTER OF OPINION
The ruins of the World Trade Center	Some <i>encouraging</i> headlines
The construction of a wooden platform to view the site	<i>Unexpected positive</i> news
Tim Gray, a Manhattan lawyer, <i>lost his brother</i> Christopher in the World Trade Center tragedy	<i>Tensions are still running high</i> at Ground Zero
Three thousand victims	Families and friends <i>struggle to come to terms</i> with their losses
Observation platforms	Another <i>emotional hurdle</i>
	As a family member, <i>I have tried to keep the most open views</i> toward the observation platforms
What happened on September 11 th	Despite all <i>my efforts to keep an open mind</i> , it's just, it's still <i>na incredibly personal issue</i>
	Many of us are just <i>a little disgusted</i> at the way the observation platforms have been established
	The City <i>kind of rushed to push</i> the platforms through

Pode-se depreender pelos marcadores de texto, especialmente ressaltados à direita, que se trata de uma narrativa com forte carga emocional, escrita em uma linguagem muito mais conotativa do que denotativa. Um discurso fartamente marcado por adjetivos, advérbios e expressões idiomáticas que denunciam desapontamento, desgosto, revolta, intolerância por parte do autor em relação aquele "turismo macabro", que está ocorrendo hoje em N.York, onde no passado se via o *World Trade Center*. Uma denúncia que espera, talvez, uma tomada de providências por parte do governo e da sociedade para sustar uma atitude tão indiferente ao sofrimento alheio.

Um exercício de sala de aula que aprofundasse esta análise discursiva levaria, em seguida, o aluno a refletir sobre cada testemunho dado pelas cinco pessoas que dão suas declarações à revista e as respectivas imagens correspondentes exibidas no artigo. Só em observar os títulos de cada depoimento, já se pode inferir a ironia e a forte revolta que permeia o discurso, como: *Macabre tourism*, em que se combina um adjetivo negativo, grotesco, a uma palavra do campo semântico do lazer, quando se sabe que o artigo não indicia algo prazeroso; *Compassion or curiosity?*, que joga com opostos e com o recurso da aliteração; *Just the beginning*, em que o autor recorre a uma linguagem denotativa, modulada pelo advérbio *just*, que indica urgência; *A slap in the face*, em que se utiliza de uma metáfora, que indicia violência; *A respectful reminder*, em que aparece um adjetivo com uma conotação positiva para otimizar o evento e dar-lhe uma discreta conotação positiva, apesar de tudo.

Assim, ao mesmo tempo em que o aluno extrai dados objetivos do texto, ele vai também atentando para a estética do discurso, meditando sobre a sua forma e o modo como o enunciado é construído para provocar no leitor determinados efeitos ou interpretantes, quer pela leitura verbal, quer pela leitura não verbal do mesmo. E dentre os aspectos políticos levantados pelo artigo, ressaltam-se: a violência ambiental contra o espaço, visto que em N.York, onde antes

havia uma grande construção, hoje existe apenas um enorme buraco negro; a violência social, devido à falta de respeito pelo indivíduo, pelos familiares que perderam seus membros naquela tragédia, algo como um "golpe no rosto de cada um" (*a slap in the face*). Um golpe que a força imperialista do poder americano, tão própria de países que se consideram colonizadores do mundo, exerce contra os mais fracos; essa grande potência ignora, dentro de um contexto do mundo capitalista em que busca exercer o seu domínio, quaisquer conseqüências éticas que possam advir de suas ações, ao promover um "turismo macabro" tão absurdo hoje, como foi absurda a explosão das torres gêmeas, e buscando lucrar de forma maquiavélica até com a sua própria desgraça.

Um *follow-up* interessante para esta atividade de leitura seria pedir aos alunos que desenhassem ou fizessem a colagem de um imenso buraco que representasse o mundo, no qual deveriam jogar tudo o que achassem que deveria ser expurgado, tais como: a fome, a miséria, o descaso pela natureza... Seria um momento em que dariam asas à imaginação e poderiam ilustrar com clareza suas idéias através de recursos visuais por eles escolhidos. Assim, estariam se utilizando da língua-alvo para debates e reflexões profícuas a respeito do "buraco" da contemporaneidade.

Debatendo sobre a "ética do cuidado" e propondo um fórum com alunos em sala de aula

Mas o cuidado com o ambiente, com a Terra, é vital, uma vez que o ser humano só dispõe desse espaço para viver, e a consciência coletiva da necessidade de se preservar a natureza tem sido, entretanto, negligenciada, urgindo-se rever "a ética do cuidado". Assim, partindo-se da destruição das Torres Gêmeas como gancho para um possível debate em sala de aula sobre a ameaça à Terra, discute-se a proposta elaborada conjuntamente pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN).

Essas entidades desenvolveram estratégias para construir uma sociedade "sustentável", sugerindo certos princípios que estimulem a inserção do ser humano no ecossistema. Dentre tais princípios, destaca-se a necessidade de: respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos; melhorar a qualidade da vida humana; conservar a vitalidade e a diversidade do planeta Terra; permanecer nos limites da capacidade de suporte do planeta; estimular atitudes e práticas pessoais que privilegiem o cuidado; permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio-ambiente; gerar uma estrutura nacional que garanta o desenvolvimento e a conservação da natureza; construir uma aliança global em que a solidariedade entre os povos seja a tônica prevalescente (Boff 1999: 134).

Os princípios sugeridos apontam para um desenvolvimento que produza o suficiente para cada indivíduo, sem negligenciar dos demais seres vivos do ecossistema, estimulando-se tomar da natureza apenas o que ela pode repor. É, ainda, vital o cuidado com o outro, preferencialmente com os excluídos, tendo-se como meta a equidade*¹, além de se zelar pela própria Terra, que segundo a hipótese Gaia*², também seria viva (Capra, 1982:277; 1996:90; 2002: 23).

*¹ O conceito de equidade significa tratar de forma desigual os desiguais, ou seja, prover mais aos necessitados do que aos mais abastados, tendo como meta final a igualdade (GARRAFA & PORTO, 2003: 38).

*² O químico James Lovelock e microbióloga Lynn Margulis observaram que a Terra mantém a composição química do ar e a temperatura da sua superfície de forma constante e eles hipotetizaram que isto ocorre devido ao fato de nosso planeta puder ser considerado um organismo vivo; deram o nome de "hipótese de Gaia", nome da deusa grega da Terra, revisitando um poderoso mito da antiguidade (CAPRA, 1982:277).

Pode-se destacar, dentre os graves problemas ambientais existentes: o desaparecimento de cerca de dois milhões de espécies animais; o desmatamento que tem assolado o planeta; o ameaçador "efeito estufa", com conseqüências desastrosas na mudança de clima; a crescente agressão contra a camada de ozônio; a contaminação generalizada do meio físico, com uma deterioração das formas de vida. Assim, o ecossistema está ameaçado, especialmente em decorrência do capitalismo selvagem, que põe o lucro acima dos interesses dos indivíduos (Sosa, 1999:785).

Esta situação é também denunciada por Félix Guattari, conforme artigo de Michael Peters (2002:3), como segue:

Globalization (2002)

Anti-Globalization and Guattari's The Three Ecologies

Michael Peters, University of Glasgow.

Félix Guattari, the radical psychanalyst, activist and co-author with Gilles Deleuze, of a range of books that helped to give the French Left new orientations during the decade of the 1970s. But what I wish to discuss in relation to anti-globalization, it is, in particular, a little book that Guattari (2000) wrote by himself and published first in 1989, called *The Three Ecologies*, that I want to focus on

Guattari'S The Three Ecologies

Guattari's achievement is to link three spheres of ecology – environmental, social and mental into a set of interrelations he calls *ecosophy*, a term he coins seemingly unaware of the “deep ecology” movement or the ecosophy of Arnold Naess. Guattari writes:

...only an ethico-political articulation – which I call *ecosophy* – between the three ecological registers (the environment, social relations and human subjectivity) would be likely to clarify [the ecological dangers that confront us] (Guattari, 2002:27).

His object of criticism is what he calls *Integrated World Capitalism* (IWC) that, through a series of techno-scientific transformations, has brought us to the brink of ecological disaster, causing a disequilibrium of the world natural environment from which the Earth will take many generations to recover, if at all. The *Integrated World Capitalism*, (Guattari, 2000: 6) is “delocalized and deterritorialized to such an extent that it is impossible to locate its sources of power”. IWC is now, above all, a fourth-stage capitalism, no longer oriented to producing primary (agricultural), secondary (manufacturing), or tertiary (services), but now oriented to the production of “signs, syntax, and ... subjectivity” (Ibidem, 47). Part of Guattari's thesis is that the expansion in communications technology, and, in particular, the development of world telecommunications, has served to shape a new type of passive subjectivity, saturating the unconscious in conformity with global market forces. IWC, thus, poses a direct threat to the environment in ways that are now all too familiar to us – pollution of all forms, extinction and depletion of species with the consequent reduction of biodiversity.

Guattari, citado no texto acima, reconhece como um quarto tipo de capitalismo selvagem aquele que manipula a produção de sinais emitidos pelas telecomunicações, e esses recursos tecnológicos utilizados pelo poder do capitalismo imperialista que têm a capacidade de se disseminar pelos quatro cantos do mundo, sem respeitar fronteiras ou barreiras, infiltrando-se nos lares e bombardeando o inconsciente dos indivíduos. Tal poder imperialista utiliza-se de uma propaganda subliminar que pretende massificar o indivíduo, transformando a sua subjetividade numa subjetividade passiva, e atendendo às exigências do mercado global em detrimento dos interesses individuais, ou das diversas nações, especialmente as subdesenvolvidas que não conseguem disputar com o poder hegemônico que os países mais ricos detêm.

A mundialização da economia pelo fenômeno da globalização, ao invés de minorar as diferenças entre ricos e pobres, embruteceu ainda mais as contradições sociais. Na globalização capitalista, o que define as prioridades não é a demanda ou as necessidades detectadas na realidade social: é o mercado. E este tem se mostrado a cada ano mais perverso, com regras à cada dia mais protecionistas para os países ricos, em detrimento dos pobres. A crença da lógica capitalista de que os fins justificam os meios tem gerado a apropriação de recursos naturais e humanos dos países periféricos, acentuando mais ainda, a desigualdade existente (Garrafa & Porto, 2002:7).

A consciência da finitude dos recursos naturais tem imposto aos homens a urgência de cuidar do planeta como um todo para que o grave risco da destruição de partes da biosfera não inviabilize a vida na Terra. Basta que se utilizem as armas nucleares, químicas e biológicas dos arsenais existentes, e se continue irresponsavelmente poluindo as águas, envenenando os solos, contaminando a atmosfera e agravando as injustiças sociais entre o Norte e o Sul para que esse desastre ecológico tome proporções incontroláveis.

Por isso, Capra, no seu livro *A teia da vida*, defende a importância do sujeito ser ecologicamente alfabetizado, o que significa entender os princípios de organização dos ecossistemas. Ele formula um conjunto de diretrizes ecológicas, sugerindo utilizá-lo na construção de comunidades mais habitáveis (1999: 231-5; 2002: 239): a interdependência, que é o elo existente entre cada membro vivo do ecossistema; a natureza cíclica dos processos ecológicos, que enfatizam que os organismos são sistemas abertos, onde o resíduo para uma espécie é alimento para outro, de modo que o ecossistema como um todo permanece livre de resíduos; a parceria, que é uma tendência para se formar associações, para estabelecer ligações e um sentimento de cooperação entre os diversos organismos; a flexibilidade, que permite ao ser vivo adaptar-se a condições ambientais as mais variadas; a diversidade, que flexibiliza o ecossistema, permitindo que alguns dos seus membros preencha a função de outro que tenha sido dizimado.

A partir da discussão em sala de aula sobre o tema da ecologia ambiental, pretende-se propor tarefas que levem os alunos de língua estrangeira a pesquisar e posteriormente, a debater os diversos temas apontados, tais como: o respeito e o cuidado com os seres vivos; a manutenção da vitalidade e da biodiversidade do planeta Terra; a alfabetização ecológica; o incentivo à reciclagem; o respeito à natureza, retirando-se dela apenas o que esta é capaz de repor, sem esquecer de enfatizar o cuidado preferencial com os excluídos, visando a equidade.

Uma outra possível tarefa a ser proposta consistiria em destacar do texto *Anti-globalization* frases provocadoras de possíveis debates na língua-alvo, tais como:

- *Integrated World Capitalism (IWC)* that, through a series of techno-scientific transformations, has brought us to the brink of ecological disaster, causing a disequilibrium of the world natural environment from which the Earth will take many generations to recover, if at all.
- The *Integrated World Capitalism*, (Guattari, 2000: 6) is “delocalized and deterritorialized to such an extent that it is impossible to locate its sources of power.
- IWC is now, above all, a fourth-stage capitalism, no longer oriented to producing primary (agricultural), secondary (manufacturing), or tertiary (services), but now oriented to the production of “signs, syntax, and ... subjectivity.
- IWC, thus, poses a direct threat to the environment in ways that are now all too familiar to us – pollution of all forms, extinction and depletion of species with the consequent reduction of biodiversity.

Além da pesquisa e do debate sugeridos, os alunos poderão ser solicitados a compor um fórum em que cada um assuma e dramatize em um *role play*, papéis do cotidiano de uma cidade para simular situações em que o tema da ecologia venha à baila a partir de *key words* na língua-alvo, que servirão de estímulos iniciadores. Cada um poderá encenar o papel de prefeito da comunidade, ou de um sociólogo, de um médico, de um psicólogo, de um lixeiro, de um químico, de um professor, de um engenheiro sanitarista, de um biólogo..., pensando em como aplicar de modo prático e dentro do seu respectivo contexto a articulação ético-política da ecosofia de Félix Guattari, que prega a ética do cuidado com o meio ambiente. Como prática da língua-alvo, os alunos terão a possibilidade de exercitar o uso dos modais, como: *You must not...*

You should... You shouldn't... You can... You can't... You ought not to... You need to..., para lidar com as questões da agressão e proteção do meio ambiente

Processando signos de desesperança e esperança através da linguagem da música

A arte, ao sensibilizar o indivíduo, pode exercer um papel essencial na vida do ser humano, e dentre os signos artísticos, os musicais ocupam um lugar especial. Para o músico John Cage, "vida é música (...), são sons à nossa volta, estejamos ou não em salas de concerto" (...), e até mesmo "o silêncio é um magnífico manifesto" (Cage *apud* Santaella, 2001:121). Assim, ao se trabalhar com signos de linguagens diversas em aulas de língua estrangeira, não se poderia deixar de enfatizar o papel da música.

A melodia *Starry night*, gravada pelo cantor McLean como um tributo especial a Van Gogh, em Massachusetts, 1970, fala de um mundo que não sabe ouvir, de pessoas que não escutam, e por isso, o ser humano acaba se deparando com uma sociedade que não parece "sustentável", por isso a qualidade de vida do indivíduo fica bem aquém do aceitável. E é esta surdez, este embrutecimento dos sentidos que um pintor como Van Gogh, ou o cartunista Maurício de Sousa, ou o músico McLean, ou ainda, o filósofo Félix Guattari, cada um teria percebido à sua maneira e representado através da sua arte.

Nas aulas de língua estrangeira, os alunos vêem, então, o vídeo clipe *Starry night*, e são solicitados a anotar todos os signos de esperança/signos positivos ou de desesperança/signos negativos que perceberem, quer na letra da música, quer através das imagens visuais do clipe. De modo que signos de várias linguagens se entrecruzam para dar conta da temática do desrespeito pelo ser humano, o que acaba gerando conseqüências negativas sobre a vida e sobre o meio. A letra de McLean, que segue abaixo, denuncia essa indiferença que assola o planeta.

Os alunos prestam atenção à letra da música, identificando signos positivos e negativos em *Starry night*; aparecem assinalados abaixo em maiúscula, os positivos, e em itálico, os negativos, como se pode conferir.

STARRY, STARRY *night*,
Paint your palette *blue and gray*,
LOOK OUT ON A SUMMER'S DAY,
With eyes that know the *darkness* in my soul,
Shadows on the hill,
Sketch the TREES AND DAFFODILS,
Catch the breeze and the *winter chills*,
In colors on the *snowy* linen land,

(Chorus)
Now I understand
What you tried to say to me,
How you *suffered for your sanity*,
And how *you tried to set them free*,
They did not listen,
They did not know how,
PERHAPS THEY'LL LISTEN NOW,

Flaming flowers that brightly blaze,
Swirling clouds in violet haze,
Reflect in Vincent's eyes of China *blue*.
Colors changing hue,
MORNING FIELDS of *amber* grain,
Weathered faced lined in pain,
Are SOOTHED BY THE ARTIST'S LOVING HAND

(Chorus)

For they could not love you,
But still YOUR LOVE WAS TRUE,
And when *no hope was left* inside,
On that STARRY, STARRY night,
You took your life as lovers often do,
But I could have told you, Vincent,
This world was never meant,
FOR ONE AS BEAUTIFUL AS YOU.

Ao diagramarem os signos positivos e negativos aí encontrados, os alunos percebem o posicionamento da *persona* por trás dos versos, que é mais de desesperança, pois os signos de negatividade superam os de positividade, como se pode conferir:

- As cores que sobressaem são: o azul (que em inglês tem uma conotação negativa, pois *to be in the blue* significa "estar depressivo") e o cinza, uma cor triste e sem graça, simbolizando os tons da vida de V.Gogh, com quem a *persona* conversa todo o tempo, no seu solilóquio; também o violeta, um tom quaresmal, aparece nas telas de Van Gogh, bem como o amarelo, associado freqüentemente à doença; e o preto, o escuro, que representa a solidão e as trevas da alma do artista, refletidas nas sombras que cobrem a natureza (*darkness in my soul, shadows on the hills*). As imagens pictóricas do vídeo enfatizam também o vermelho, com toda a carga de paixão, loucura, e violência associada a esse tom.
- O período do dia enfatizado é a noite e tem-se também uma visão da estação do inverno com a sua frieza, que pode conotar o fim da vida, a velhice (*winter chills, snowy land*).
- O sentimento que predomina é o sofrimento associado à velhice (*Weathered faced lined in pain*); ou a enorme aflição de uma mente torturada (*You suffered for your sanity*), a qual se reflete na própria expressão artística destorcida e flamejante de Van Gogh (*Flaming flowers that brightly blaze, Swirling clouds*); ou, então, o desespero e a falta de esperança que levam ao suicídio (*no hope was left (...), You took your life as lovers often do*).
- As ações registradas remetem à desintegração, à indiferença, à falta de comunicação (*They did not listen, They did not know how*), que é enfatizada por signos visuais do clipe que remetem a meios de comunicação que não funcionam, como telefones soltos no ar, desconectados; ou signos estilhaçados, que aparecem no vídeo.

Contudo, pode-se perceber uma promessa de esperança, por mais débil que seja, quando se lê que talvez as pessoas venham a escutar (*perhaps they'll listen now*) e, assim, se possa ter um mundo melhor, com mais amor e solidariedade (*your love was true, soothed by the artist's loving hand*). Um mundo em que a participação do artista, com a sua sensibilidade, ocupe um lugar importante, pois ele é capaz de retratar do seu meio ambiente os dias de verão (*look out on a summer's day*), o verde da natureza e as cores das flores (*morning fields, trees and daffodils*), além perceber todo um romantismo implícito na boemia das noites estreladas, que sobressaem nas telas de Van Gogh (*starry night*). Logo, embora se saiba que a Terra não é um lugar tão acolhedor como se gostaria que fosse (*This world was never meant, for one as beautiful as you*), urge alimentar-se a esperança de dias melhores, em que a sede pelo poder e o egoísmo não sejam mais a tônica de muitos relacionamentos.

Reflexões finais

Pode-se observar que a ciranda da História, em que predomina a cobiça pelo poder e o individualismo, a solidão, a falta de comunicação, continua sempre girando. De modo que haverá, com frequência, um poder querendo se impor contra o outro, e um segmento da população que não é capaz ou não quer escutar o outro, ou se recusa a ouvir a música da natureza, tornando assim, o ambiente em que se vive insustentável. Uma denúncia contra essa falta de solidariedade, se pode perceber na música de McLean; também na paródia de Maurício de Sousa sobre a independência do Brasil, que remete a uma época em que a colônia queria se liberar da metrópole, dos colonizadores portugueses; mas que também se percebe hoje, no artigo jornalístico da *Speak up*, em que o imperialismo americano busca se infiltrar em todos os espaços, desrespeitando ao mesmo tempo, o ser humano. Enfim, uma problemática que ainda é analisada no texto da *Anti-globalization*, com a denúncia de Guattari, e que convém ser avaliada com alunos estudiosos de uma língua estrangeira como o inglês. Dentro de uma pedagogia crítica, os aprendizes são estimulados a refletir e se posicionar frente a problemas atuais que demandam urgentes atitudes e engajamentos a fim de se procurar deter a trajetória destrutiva que uma comunicação distorcida e que a globalização imperialista impõem a todos, e em especial, aos países subdesenvolvidos.

ABSTRACT:

Félix Guattari, in his book *The three ecologies*, defines *ecosophy* as the ethico-political articulation of the three ecological registers: the social relations, human subjectivity and environment. This paper views the learning process from the perspective of the third register. Considering the learning process a very hard job, especially for the pupils, it is up to the teacher to motivate the students and push them on, in spite of all the obstacles on the way. Then, the language teacher often resorts to a wide variety of strategies to help their students, including the use of intertextual dialogues, so as to pass the target matter on and to awaken the learners' curiosity. Louise M. Rosenblatt in her article *The Transactional theory of reading and writing*, emphasizes that every human being engaged in the learning process is involved in transactions, either establishing a reciprocal relationship with the environment, or facing a specific situation of LE teaching and learning activities, or even dealing with texts echoing other texts.

KEY-WORDS: teaching and learning, Le, ecological education, ecosophy, critical pedagogy.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Ignazio. *La poétique de Dostoievski*. Akal: Madri, 1970.
- BOFF, L. *Saber cuidar. Ética do humano- compaixão pela terra*. RJ: Vozes, 2ed. 1999, 198p.
- _____.(a) *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 2ed. 2000, 241p.
- _____.(b) *Ethos mundial. Um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000, 164p.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. SP: Cultrix, 1982,447p.
- _____. *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, SP: Cultrix, 1996, 256p.
- _____. *As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. S.P.: Cultrix, 2002, 296p.
- FÁVERO, Leonor L. “ Paródia e dialogismo”. In: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. S. Paulo: Edusp, 1999, p. 49-59.
- GADOTTI, M. *Cidadania planetária. Pontos para reflexão*. SP: IPF, 1999, série “Cadernos de Ecopedagogia” nº2, 14p.
- GARRAFA, V.& PORTO, D. *Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. O mundo da Saúde – Bioética. Uma perspectiva brasileira*. São Paulo, ano 26 v. 26n.1 jan/mar. 2002, 6-15.
- _____. "Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção". In: *Bioética: poder e injustiça*, GARRAFA, V., PESSINI, L., São Paulo: Loyola, 2003, p. 35-44.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 13^a ed, 2002.

- _____. *The three ecologies*. Trans. Ian Pindar & Paul Sutton, London & New Brunswick, N.J.: The Athlone Press, 2000.
- McLEAN. <http://www.katsandogz.com/starrynight.html>
- PETERS, Michael. *Globalization. Anti-globalization and Guattari's The Three ecologies*. Glasgow: University of Glasgow, 2002.
- Globalization.icaap.org/content/v.2.1/02_peters.html
- ROSENBLATT, Louise. 1994. The transactional theory of reading and writing. In: RUDELL, Robert et al. *Theoretical models and processes of reading*. Delaware: International Reading Association. p. 1057-90.
- SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento. Sonora, visual, verbal*. S.Paulo: Iluminuras, 2001.
- SHAKESPEARE, W. "Conto de inverson". In: *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- SHEA, Moira. "The ground zero debate. To see or not to see?". In: *Speak up*, S.Paulo: Peixes, 2002, n. 180, p. 12-15.
- SOSA, N. M. Ecologia e ética (783 – 795). In: VIDAL, M. *Ética Teológica. Conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, 836p.
- SOUSA, Maurício. *História em quadros. Pinturas de Maurício de Sousa*. S. Paulo: Globo, 2001.